

O que escapa à relação fonema-grafema na aquisição da escrita

Núbia R. B. Faria – UFAL

RESUMO – O presente trabalho propõe-se refletir sobre a relação oralidade-escrita, a partir de um texto, produzido por uma criança da 3ª série do primeiro grau de uma escola pública de Maceió, a partir da letra de uma canção popular. A análise sustenta-se no pressuposto teórico de que a escrita não é representação da oralidade, estabelecendo-se na relação entre elas, na verdade, uma rede de significantes, conforme assinala Derrida. A referida relação tem por efeito desfazer o suposto liame natural entre significante e significado, uma vez que evidencia o movimento de significação, que nunca se interrompe, e que impede ao sujeito ter acesso direto ao mundo, independentemente da ordem lingüística. A escrita da criança em questão aponta, de forma flagrante, na ocorrência da troca entre as letras R e S, que, embora a relação fonema-grafema se apresente na escrita fonética, a possibilidade do corte em qualquer ponto da cadeia evidencia o caráter imaginário desta relação, uma vez que fonema e grafema não possuem uma essência, não se definem enquanto positivities, o que impossibilita que sejam representados com relação a eles próprios e, muito menos, um pelo outro. A noção de texto utilizada ancora-se na definição apresentada por Sônia Mota que, apoiada no estatuto teórico que o adulto recebe na obra de Cláudia Lemos, define texto enquanto instância de funcionamento lingüístico-discursivo. A aquisição da escrita, partindo deste pressuposto, revela-se um processo de representação simbólica da escrita do Outro.

Para refletir sobre a relação oralidade-escrita e o que a ela escapa, trago o texto¹ de uma criança de 3ª série do 1º grau, de uma escola pública de Maceió, produzido a partir da letra de uma canção popular.²

	Xuxa é José Augusto ³
1	Eu posso <u>ir</u> aonde eu <i>quises</i>
2	Rabiscos en algun papel
3	chegar ben <i>pesto</i> das estrelas
4	É <i>tocas</i> o céu
5	Sonhando eu posso ser un rei
6	Quen sabe até superstar
7	É só <u>deixas</u> a porta aberta
8	Pra e lusão <i>entra</i>
9	Eu posso até <i>fala</i> com Deus
10	De noite em minha oração
11	E caminhar Por <u>entres</u> <u>nuves</u> feitas
12	de algodão.
13	Eu posso tudo que eu quiser
14	É só querer acreditar
15	Se eu Fechar ben forte os olhos
16	E quiser sonhar
17	Sonho neu, Sonho neu
18	Tudo Pode acontecer
19	Acreditar na <i>sote</i>
20	É tudo pode <u>ser</u> Sonho neu,
21	Sonho neu Eu Posso tudo que eu
22	Sonhar se eu levar a vida <u>sério</u>
23	Se eu fizer direito
24	Se eu acreditar

No que se refere ao registro ortográfico desse texto, algo se sobressai pela singularidade que denuncia: o texto de Adriana apresenta poucas marcas de reescrita, a ponto de, na sua quase totalidade, todas elas envolverem as letras R e S.

¹ Este texto faz parte do *corpus* analisado em Faria, 1997.

² Trata-se da canção *Querer é Poder*, ver referência discográfica ao final.

³ Na transcrição do texto, tentou-se respeitar a grafia original assim como a divisão em "versos" feita pela criança.

Na 1ª linha, Adriana escreve IR com marca de reescrita no R. Parece ter escrito anteriormente IN, optando em seguida pelo R. Aparecem também sinais de uma escrita posterior dos R's das palavras SER – linha 20 e SÉRIO – linha 22.

Na linha 7, por baixo da letra X da palavra DEIXAS (deixar), Adriana escreveu a letra S (DEISAS). Na linha 11, o S apresenta sinais de reescrita na palavra NUVES (nuvens): no início Adriana não colocou a vogal E; contudo, ela o faz posteriormente, escrevendo ES por cima do primeiro S. Na mesma linha, a palavra ENTRES (entre), escrita imediatamente antes de NUVES, apresenta uma pequena falha entre o E e o S, o que sugere que o S tenha sido colocado depois.

Dentro de um quadro teórico fortemente marcado pela reflexão de Cláudia Lemos no âmbito da aquisição de linguagem, as reescritas (em paralelo com a idéia de *escuta*) são aqui interpretadas como momentos de hesitação e de retorno ao texto, constituindo-se em cortes na cadeia escrita, a partir da delimitação de uma unidade, que, nesse caso, parece ter assumido a forma de um grafema.

A possibilidade de retornar ao texto, que caracteriza a reescrita, reside no deslocamento do sujeito relativamente à sua própria escrita, deslocamento este operado pelo funcionamento linguístico-discursivo ao qual o sujeito se aliena e que os cortes na cadeia vêm denunciar.

Entretanto, se existe um ponto em que a escrita de Adriana mostra-se reveladora do funcionamento linguístico-discursivo, este não reside nas marcas deixadas na sua escrita e sim nos locais onde a falta de qualquer sinal de reformulação sugere que os cortes operados na cadeia não são da ordem da consciência do sujeito e sim efeitos da ação da língua sobre esse sujeito.

Adriana, nas duas primeiras estrofes, usa, sem sinais de rasura, o S no lugar do R nas palavras: QUISES (quiser), linha 1; PESTO (perto), linha 3; TOCAS (tocar), linha 4; DEIXAS (deixar), linha 7.

Nas estrofes seguintes, Adriana passa a registrar corretamente o R, mas deixa de fazê-lo em: ENTRA (entrar), linha 8; FALA (falar), linha 9; SOTE (sorte), linha 19.

É interessante destacar o fato de que o R e o S parecem ter assumido, em determinado momento, uma relação de semelhança, apagando uma diferença, a ponto de o segundo substituir o primeiro em quatro palavras.

Uma possível interpretação para o ocorrido parece ser o fato de ambos serem omitidos da fala, quando em posição final de uma palavra. O R é suprimido, sobretudo, na sua forma de marcador do

infinitivo dos verbos. Por exemplo, *falar* é pronunciado /fa'la/, como Adriana registrou na linha 9. O S é geralmente suprimido, como marcador de plural, da fala das pessoas integrantes do grupo social a que Adriana provavelmente pertence⁴. A flexão ocorre no determinante, sendo o substantivo mantido inalterado: por exemplo, *os gato*. Em ambos os casos, a escrita padrão exige o pareamento de um e de outro, ainda que na fala inexistam.

Ou seja, o R e o S se identificam na medida em que, “pela posição das recorrências” (Mota, 1995, p. 100) guardam entre si uma relação de semelhança quanto à sua significação, isto é, o registro, por escrito, de um lugar que inexiste na fala. Com isso dá-se uma relação de natureza metafórica⁵ pela emergência de um, ao tempo em que outro se encontra na latência, sempre pronto a surgir, como foi o caso inesperado de *QUISES*, *PESTO*, *TOCAS* e *DEIXAS*.

Mas, não reside aí, simplesmente, a *causa* da identificação entre o R e o S, embora tenha sido possível apontar alguns locais em que esta identificação parece ter ocorrido. De fato, se as explicações postuladas dessem conta do fenômeno, como se explicaria, por exemplo, a ocorrência da troca, ou da ausência do R ou do S no meio de uma palavra, como é o caso de *PERTO*, registrada *PESTO*, e de *SORTE*, registrada *SOTE*.

O que se revela de maneira inusitada é, a partir da escrita, o surgimento de uma *posição*. Esta aparece ora ocupada pelo R, ora pelo S, ora vazia, como é o caso de *ENTRA* (*ENTRAØ*), *FALA* (*FALAØ*) e *SOTE* (*SOØTE*), mencionados anteriormente.

Nesse caso, é possível ver que, longe de se estabelecer uma correspondência fonema-grafema, abre-se o que Derrida chama de o *jogo da representação* (Derrida, 1973, p. 44), que desfaz o liame pretensamente natural entre significante-significado, fonema-grafema. Neste *jogo* o valor simbólico do significante perde seu estatuto de significado anterior e é obtido na relação com outros significantes, sejam eles orais ou escritos. A escrita de Adriana revela que o significante desliza, não só na posição que ocupa, como na própria forma que reveste, podendo comparecer enquanto R, S ou, simplesmente, não assumir forma gráfica, embora, ainda assim, sua presença esteja marcada pela posição vazia.

Como reconheceu Saussure, a *materialidade* do significante não é fruto de uma presença, mas se constitui na diferença entre ele e o que o rodeia:

[...] é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua. Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. [...] em sua essência, este [o significante] não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras” (Saussure, 1972, p. 138).

Se isso é verdade para a matéria fônica, partindo-se do que Derrida chamou de “nefasta cumplicidade entre o reflexo e o refletido” naquilo que se constitui o “sistema total” da escrita fonética (Derrida, 1973, p. 55), o mesmo se aplica à matéria gráfica que o significante assume.

Os exemplos parecem confirmar o que Mota, a partir de Derrida, ressaltou, sobre a escrita, o fato de ela não ter rumo, dono ou responsabilidade: “a sua essência é a de não ter identidade, é a de não ter essência” (Mota, 1995, p. 60).

Ainda que, por um efeito do imaginário, a relação fonema-grafema ocorra na escrita alfabética, este *posso* do significante é temporário, podendo esse último, a qualquer momento, tornar a deslizar, assumindo um outro valor simbólico, num movimento que nunca se fecha sobre si mesmo. Por um “efeito da linguagem sobre a própria linguagem”, no dizer de C. Lemos (1992b, p. 132), a linguagem escrita passa a engendrar outras relações entre letras-sons, letras-letras, letras-palavras etc. Isso significa igualmente dizer que a escrita, ao mesmo tempo em que guarda relação com a oralidade, escapa a ela, como demonstra o texto de Adriana. Grafema e fonema não possuem uma essência, não se definem enquanto positivities, o que impossibilita que sejam representados com relação a eles próprios e, muito menos, um pelo outro. Citando mais uma vez Derrida, estabelece-se na relação fonema-grafema da escrita alfabética um sistema total “aberto a todas as cargas de sentidos possíveis” (Derrida, 1973, p. 55).

É necessário destacar, ainda nesse caso, a singularidade do processo de significação. A identificação do R e do S, provavelmente, é um efeito, em Adriana, das correções da professora sobre a sua escrita. Essas correções, que provavelmente acontecem com outras crianças, produziu, em Adriana, esse efeito. Como diz Mota, por se tratar de um trabalho do *significante*, e não de relações conceituais previsíveis, os efeitos são heterogêneos e singulares. O R e o S vão ter seus valores delimitados num funcionamento linguístico *com sujeito*, e não a partir de uma determinada característica inerente a um ou a outro.

⁴ A escola a que pertence Adriana atende a crianças provenientes de classe baixa ou média-média, nas quais esse registro lingüístico ocorre com frequência.

⁵ A esse respeito, ver Lemos, 1992.

Referências bibliográficas

- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FARIA, Núbia Rabelo Bakker. *Nas letras das canções, a relação oralidade-escrita*. Maceió: EDUFAL; Recife: EDUFPE, 1997.
- LEMOS, Cláudia T. G. de. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (peca-do) original. *Boletim da ABRALIN*, Recife, UFFE, n. 3, p. 97-126, 1982.
- . A sintaxe no espelho. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, IEL/UNICAMP, n. 10, p. 5-15, 1986.
- . Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, v. 1, n. 1, p. 121-135, 1992.
- . Da morte de Saussure o que se comemora? *Psicanálise e Universidade*, n. 3, p. 41-52, 1995a.
- . Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 4, p. 9-28, dez. 1995b.
- . Corpo e Linguagem. In: UCHOA JUNQUEIRA FILHO, L. C. (org.). *Corpo-mente: uma fronteira móvel*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996a. (p. 235-248).
- . *Native speaker's intuitions an metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition?*. Campinas, 1996b. No prelo.
- MOTA, Sônia Borges Vieira da. *O quebra-cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita*. São Paulo: PUCSP, 1995. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação).
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.

Referências discográficas

- AUGUSTO, José, COLLA, Carlos. *Querer é poder*. José Augusto e Xuxa. São Paulo: BMG Arabela, 1992. Disco compacto: digital estéreo. 64563103. (Álbum *Sonho Meu* - Som Livre).